

# O EMPREGO DO CONTRACAÇADOR NO AMPLO ESPECTRO

Subtenente Nivaldo Franco Marques

O Subtenente de Cavalaria Nivaldo é auxiliar da Divisão de Assuntos Cíveis da Chefia do Emprego do COTER. Iniciou sua carreira militar ao concluir o Curso de Formação de Sargentos na Escola de Sargentos das Armas (ESA), em 1994, sendo promovido a 3º Sargento. cursou a Escola de Aperfeiçoamento de Sargentos das Armas em 2004. Possui os cursos de Comandos e de Forças Especiais. Participou de operações na faixa de fronteira, de operações de cooperação e coordenação com agências, de operações da Arma de Cavalaria e de diversas experimentações doutrinárias de nível tático. Atualmente está realizando sua especialização *lato sensu* em História Militar na Universidade Sul de Santa Catarina - UNISUL (nivaldoemail@gmail.com).



A evolução das guerras trouxe a necessidade de desenvolvimento de estratégias que empreguem o mínimo esforço para vencer o inimigo. Aliando-se à perícia e à precisão dos melhores caçadores, de modo a aumentar o poder e a força, os clãs e os reinos tornaram-se estados. Nesse contexto, à medida que as tecnologias das armas de guerra foram se desenvolvendo, a habilidade de acertar alvos com maior precisão e maior distância foi incrementada, proporcionando a tão desejada vantagem em combate. Essa habilidade, aliada ao avanço no entendimento de balística, facilitou o domínio dos povos.

Com o passar do tempo, equipamentos voltados para a guerra foram sendo desenvolvidos ou incrementados por tecnologias. A evolução da funda [1], o surgimento da lança, do arco e flecha, da balestra, do arcabuz, do mosquete, da espingarda e do fuzil, que somados à precisão proporcionada pelas lunetas e todo o desenvolvimento obtido nas munições culminaram com um conceito que também sofreu suas modificações ao longo da história: o caçador.

## A ORIGEM DO CAÇADOR

O caçador emprestou seu nome ao grupo de combate a que pertencia. Assim, foram criados destacamentos e batalhões de caçadores, por uma finalidade específica de movimentação, ou seja, eram mais ágeis e assim ganhavam em velocidade e flexibilidade durante os combates. Tais atributos, até hoje cultuados e mantidos em muitos exércitos que possuem caçadores, fazem da velocidade com que desenvolvem suas manobras uma característica comum. Atualmente, essas tropas especializadas vão desde caçadores de cavalaria, passando por tropas paraquedistas e por esquadrões de aviadores.

Por sua importância em combate em todas as guerras nas quais foi empregado como especialista em tiro de precisão, o caçador foi resgatado em seu antigo conceito, o atirador habilidoso que visa a buscar o máximo de eficácia e eficiência no abate de presas. Esse profissional encarna todas as possibilidades que dão ao homem a letalidade requerida nos campos de batalhas, qualquer que seja o ambiente.

## O CAÇADOR: EMPREGAR OU NÃO

Atualmente, existe um grande paradoxo que circunda a figura do caçador, que é o emprego ou não desse profissional. A utilização do caçador geralmente atrai a sua contramedida. Nesse caso, a medida mais eficaz contra um caçador é um contracaçador. Então, aqueles que optam por empregar essa ferramenta sabem, de antemão, que o oponente também o fará. Esse duelo entre matadores impiedosos alimenta, em muito, a guerra de propaganda e contrapropaganda, criando seus próprios mitos e suas lendas.

Um dos casos mais emblemáticos da história é a lenda de "Juba um *sniper* iraquiano", que supostamente teria



perseguido as tropas americanas no Iraque. Esse caçador teria sido treinado no tempo de Saddam Hussein [2] e teria matado centenas de pessoas na capital Bagdá. Mesmo que os porta-vozes das forças americanas sempre negassem a existência de Juba, os rumores que haviam chegado à tropa transformaram o mito em uma ameaça real.

A força que emprega o caçador em um combate quer, por certo, obter vantagem estratégica e mesmo que não possua supremacia numérica no campo de batalha, haverá sempre uma inquietação e um certo temor na tropa adversária, pela ameaça de morte iminente, como se estivesse continuamente aguardando o eco de uma deflagração romper o silêncio. Ainda que seja em atividade clandestina, irregular e solitária, servindo a uma causa ou motivação específica, o caçador exerce influência significativa sobre uma determinada área de interesse.

Esse é o xadrez hipermoderno do combate, o qual exige o gambito de peões nas posições mais centrais, exatamente onde o caçador é mais letal ou onde tem maior controle sobre os movimentos do inimigo.

## A ELIMINAÇÃO DO CAÇADOR É UMA IMPOSIÇÃO

Quando uma determinada tropa sofre a ação, quase que imediatamente se materializa um grande esforço para eliminar essa ameaça. Entretanto, a eliminação dessa ameaça é uma tarefa extremamente difícil e que requer um grande esforço conjunto, envolvendo ações variadas, como por exemplo:

- alto regime de tiros coordenados sobre áreas suspeitas;
- varreduras de metralhadoras;
- fogos de eficácia de morteiros;
- tiro de canhões;
- fogos de artilharia; e
- fogo aéreo guiado.

Todos esses artifícios já foram utilizados em combate, porém, quando o caçador é furtivo, essas ações não produzem o resultado desejado, fazendo-se necessária a utilização de um outro caçador. Isso transforma o ambiente operacional em verdadeira caçada, que se traduz em uma disputa desenfreada e indiscriminada por baixas, tornando uma situação indesejável para ambas as tropas e para os civis.

Nessa situação, o caçador se estabelece no local e tenta se infiltrar para além da linha de defesa ou permite ser ultrapassado, instalando-se na retaguarda do inimigo. Apesar de ficar mais exposto ao contra-ataque, ele obriga o contracaçador a ir à sua procura, forçando-o a cometer algum deslize que poderá ser fatal.

### AS MEDIDAS CONTRACAÇADOR

As medidas contra o caçador partem de um plano elaborado e ensaiado exaustivamente pela tropa, normalmente, de valor pelotão. Esse treinamento deve ser coordenado pelo comandante da tropa empregada. Diante disso, caso mais meios se façam necessários para realizar as atividades contra o fogo do caçador, geralmente se utilizam técnicas de ação imediata (TAI), as quais se dividem em medidas ativas e passivas, estas focadas em aspectos mais preventivos e aquelas com vocação mais reativa.

Salienta-se que, dependendo da atividade do caçador e do valor de seu alvo, a medida utilizada poderá ser do tipo passiva, primeiramente, permitindo um rearranjo da tropa, proteção de autoridades, meios valiosos e manobras de desdobramentos, para depois re-

realizar as medidas ativas cabíveis. Nesse tipo de ação, é possível verificar que os exércitos que avançam sobre áreas onde existem posições finais de tiro de caçador normalmente utilizam as couraças de seus carros de transporte para proteger seus soldados.

A tática de emprego do contracaçador é sempre um contralance, no qual a resposta ao tiro do caçador é múltipla e o domínio do campo de tiro é sutil. No ambiente do caçador, cada movimento ou sinal luminoso poderá ser uma oportunidade ou uma isca. Assim, a decisão de realizar um tiro consiste, em certa medida, na vulnerabilidade da tropa que poderá ser impedida temporariamente de avançar com suas frações ou de ocupar uma posição no terreno.

### A DETECÇÃO DO CAÇADOR

O maior óbice na efetividade da ação do contracaçador é descobrir a posição final de tiro do caçador e, mesmo quando detectado, saber que o caçador já tem uma rota de fuga pré-reconhecida e balizada, conforme ensaiado dentro de uma expectativa de tempo. A detecção em si já é um fator que determinará o silenciamento ou o retraimento do caçador.

Quando a detecção não é possível, faz-se necessário dividir a zona geral de tiro em setores e realizar observação intensa e metódica sobre cada local com maior probabilidade de existência de caçadores ou de observadores. Além disso, deve-se ocupar os pontos onde comumente ocorrem ho-

mizios praticados por caçadores, utilizando-se de patrulhas e de equipes de rastreamento. O caçador, normalmente, evade-se quando sua posição é descoberta e rastrear-lo poderá levar a uma armadilha diversionária, previamente montada para cobrir a fuga.

Outro fator importante é o incremento das novas tecnologias de detecção nas atividades do caçador. As diversas

possibilidades de camuflagem e de invisibilidade, assim como os equipamentos de visão noturna e de visão termal, particularmente os mais modernos, fazem parte da equação que envolve a capacidade de percepção do caçador e do contracaçador.

O contracaçador deve compreender e assimilar que a vantagem tática está com o caçador e, nesse campo, o mais humilde e astuto, que persevera com cuidado, é quem vencerá a batalha, não importando o que a propaganda ou a contrapropaganda dizem. Aprender o comportamento do caçador é o caminho mais fácil para vencê-lo, em vez de implementar artifícios e iscas, considerando o caçador uma caça.

**Atualmente, existe um grande paradoxo que circunda a figura do caçador, que é o emprego ou não desse profissional. A utilização do caçador geralmente atrai a sua contramedida. Nesse caso, a medida mais eficaz contra um caçador é um contracaçador.**

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora não seja o caçador o principal coadjuvante no teatro de operações, ele sempre desestabilizou o avanço das vanguardas e a articulação das retaguardas, trocando “baixas” por tempo de desdobramentos e retardos, causando a fúria e provocando o rancor do inimigo. Assim, ele sabe que não haverá compaixão, caso seja capturado. Dessa forma, é necessário perceber que, até pela tropa amiga, ele carrega um olhar de desconfiança. Decerto, a simples presença do caçador atrai, inevitavelmente, o contracaçador. Isso traz insegurança para a tropa, pois não haverá lugar seguro ao seu redor, ou seja, havendo uma simples fresta na trincheira que permita a penetração de um projétil, ela será avaliada e medida e, se julgada compensadora, certamente o tiro será realizado.

No ambiente onde os caçadores se caçam, o nível de tensão das tropas aumenta exponencialmente. Nessa situação, permanecer no *front* é um “jogo de dados viciados”, pois os campos de tiro são constantemente vigiados e os combatentes mais distraídos aumentam os escores dos caçadores.

Ainda que a tecnologia torne o caçador mais perceptível, sempre haverá a inteligência humana para dissimular e, com isso, proporcionar a vantagem estratégica de que o caçador necessita. Nesse caso, somente resta à tropa a virtude da coragem e da humildade do contracaçador para

tentar sobrepujar esse inimigo. Para tanto, faz-se necessária a realização de adestramentos contínuos e de desenvolvimento das técnicas e táticas de tiro, de modo a proporcionar ao contracaçador, em seus diversos ambientes operacionais, a expertise necessária para neutralizar as ameaças, uma vez que, nem sempre, a iniciativa do gambito de peões do centro é a melhor opção.

Ao descrever a influência e a importância do contracaçador no múltiplo ambiente operacional contemporâneo, é possível perceber as vastas áreas de possibilidade de projeção e de emprego desse profissional, ainda tão pouco exploradas nos treinamentos e na cultura militar. Vencer um duelo durante uma caçada significa não se expor nem errar, obtendo o tempo de observação e de tiro perfeito, embora tudo seja resolvido pelo tempo de exposição e de engajamento. Para o caçador, não se mover é decisivo para a realização do lance seguinte, o qual poderá ser o seu último.

Assim, permanecemos atentos às inovações tecnológicas, sobretudo à evolução dos equipamentos que permeiam a atividade do caçador e que também o torna a caça, pois sempre precisaremos manter o alto rendimento das técnicas, das táticas e dos procedimentos do sistema caçador. Isso torna o caçador uma peça fundamental, tanto para a estratégia quanto para a doutrina, devido às lições aprendidas em decorrências de seu emprego no campo de batalha, os quais melhoraram o preparo da força.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Exército Brasileiro. Estado-Maior. **IP 21-2/1: Ações Contracaçadores**. Brasília, DF, 2004.
- FONTOURA, Alexandre. **O emprego de caçadores no Exército Brasileiro**. Revista Segurança e Defesa. nº 84, Brasília-DF. Contec Editora, 2006.
- KYLE et al - **Sniper americano: o atirador mais letal da história dos EUA** /; tradução GORDIRRO André, - 1. ed. - Rio de Janeiro: Intrínseca, 2015.
- LELIS, Camilo Inacio Cardoso. **O Sniper urbano**. Revista Doutrina Militar Terrestre. Edição 015, Brasília-DF. EGGCE, 2018.
- MORIN, Monte. **A legenda de Juba o sniper persegue as tropas americanas no Iraque**. Brasília, 2017. Disponível em: <defesanet.com.br/sof/noticia/1264/A-Legenda-de-juba-o-Sniper-Presegue-as-Tropas-Americanas-no-Iraque>. Acesso em: 5 mar. 2018.
- Notícias Militares. **A legenda de Juba o sniper persegue as tropas americanas no Iraque**. Disponível em: <http://noticiasmilitares.blogspot.com/2007/08/legenda-de-juba-o-sniper-persegue-as.html>. Acesso em: 6 nov. 2019.
- SOUZA, Eduardo Roberto Merlim de. **A implantação de um centro de instrução de caçadores no Exército Brasileiro**. Revista Doutrina Militar Terrestre. Edição 015, Brasília-DF. EGGCE, 2018.
- STUDART, Hugo. **A lei da selva**. São Paulo – Geração Editorial, 2006.
- TZU, Sun. **A arte da guerra**. Tradução de Sueli Barros Cassal. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2006.

## NOTAS

[1] Funda ou fundíbulo é uma arma de arremesso constituída por uma correia ou corda dobrada, em cujo centro é colocado o objeto que se deseja lançar. Trata-se de uma das mais antigas e primitivas armas feitas pelo homem, seu uso é registrado entre os primitivos australianos e diversos povos da antiguidade, tais como gregos e hebreus. Neste último povo é célebre a passagem contida no Antigo Testamento em que David, utilizando uma funda, derrota o gigante Golias.

[2] Saddam Hussein Abd al-Majid al-Tikriti foi um político e estadista iraquiano, que governou o Iraque de 16 de julho de 1979 a 9 de abril de 2003. Ele também acumulou o cargo de primeiro-ministro daquele país nos períodos de 1979 até 1991 e 1994 até 2003.

